

2 A HISTÓRIA DOS PAYAGUÁ

“quién se me opondrá que no le haga pedazos? vengan dos ó muchos, yo soy bravo.” (Canto Payaguá, Azara,1904, p.363).

O processo de conquista hispânico, no decorrer do século XVI, alterou de forma violenta o modo de ser das populações indígenas das terras americanas.

A região do Chaco, local de disputas interétnicas e de movimentos migratórios, sofreu frente à invasão dos conquistadores espanhóis (ver Figura 1).

Os empreendimentos para fazer do Chaco um caminho mais curto até as riquezas peruanas não resultaram em saldo positivo para as ambições européias. No entanto, o movimento das expedições provocou reações por parte dos indígenas que viam seu espaço ameaçado. Paulatinamente, as regiões mais periféricas foram sendo ocupadas, de forma sistemática, pelos espanhóis.

Dentre as diversas etnias¹ participantes do mosaico cultural da região, destacamos os Payaguá, caracterizados, de forma genérica (e simplista), como caçadores nômades, pescadores e coletores.

Segundo Branislava Susnik (1978, p.94) os Payaguá obedeceram à rota migratória Guaycurú desde o sul pampeano até o norte “(...) constituían, igualmente con los Charrúas, el

¹Etnia pode ser definido como grupo biológica e culturalmente homogêneo (...). Os membros de uma etnia possuem traços somáticos em comum(...). Ao mesmo tempo caracterizam-se por uma relativa uniformidade cultural (Dicionário de Sociologia, 1963, p.125).

grupo “guaycuru” más oriental, viniendo en contacto con las poblaciones canoeras ribereñas, precediéndolos, al parecer los Guasarapos altoparaguayenses.”

Conforme as interpretações da antropóloga, o contato com diferentes culturas levou-os a adotar a canoa como um novo elemento cultural, caracterizando-se não mais por ser “la gente de cultura de planicie”, mas “precisamente portadores da cultura canoeira” (Susnik, 1978, p. 94).

A canoa tornou-se o símbolo do ethos guerreiro e agressivo, além de se tornar o instrumento principal de deslocamento, o qual abrangia uma área fluvial extensa, desde a desembocadura do rio Bermejo até o Alto Paraguai. Ao contrário de outros grupos canoeiros, esses indígenas não possuíam limites estabelecidos por outras etnias; seus assentos poderiam estar localizados em ambas as margens ou nas diversas ilhas existentes no rio Paraguai.

Para Susnik (1978, p. 98), nos tempos anteriores à Conquista, a tendência da etnia era de concentrar-se na zona do Alto Paraguai e na área entre os rios Bermejo e Pilcomayo. Baseando-nos nas informações da autora, podemos acreditar que os Payaguá delimitavam sua ação entre o extremo sul do rio Paraguai (desembocadura do rio Bermejo, abaixo de Assunção) e o extremo norte, no Alto Paraguai (na área do Porto de Candelária), estabelecendo entre esses dois pontos a divisão da ampla área fluvial entre Agaces-Payaguá e Sarigué-Payaguá (ver Figura 2). As localizações (meridional e setentrional) possuíam atrativos para esses indígenas como locais ricos em pesca e coleta; a proximidade das tribos Guarani, eram constantemente atacadas, oportunizando a prática do ethos guerreiro e a obtenção de alimentos cultivados, além de proporcionar um amplo espaço para as relações interétnicas.

As primeiras informações sobre os canoeiros se reportam ao início da conquista espanhola no rio Paraguai (século XVI). A expedição comandada por Sebastião Caboto, em

1528, se defronta com os Agaces. Os Sarigués, foram contactados alguns anos mais tarde, em 1537, pela expedição de Juan de Ayolas (Schmidt, 1949, p.138).

As relações entre esses indígenas e os exploradores foram caracterizadas por curtos períodos de “paz” e por uma prolongada oposição. O antagonismo entre espanhóis e Payaguá marca o transcorrer da história do grupo a partir do primeiro contato, apontando um histórico de oposição ao jugo espanhol.

O termo Payaguá, de origem guarani, foi o indicador adotado pelos conquistadores para apontar a etnia. Na maioria das fontes investigadas, há uma correlação entre o nome do Rio Paraguai e o termo Payaguá, estabelecendo a derivação de um nome para o outro.

Segundo Guillermo Tell Bertoni (apud Schmidt, 1949, p.134), o nome dos Payaguá seria “Mbayá gua” ou “ Mbayá quá”, nome associado à tribo Mbayá que vivia mais ao norte. Para o antropólogo alemão Max Schmidt, a hipótese de Bertoni corresponde à tribo setentrional auto-indicar-se como Cadigué (ou Cadigueodi, Cadiguéo). Provavelmente o termo “Mbayá quá” seria utilizado pelos Guarani para indicar a tribo setentrional dos Mbayá. Schmidt acrescenta que o apelativo Payaguá seria uma tradução dos Cadigué para se identificarem como “gentes que viven adelante de los Mbayás.”

Conforme Bertoni, Payaguá deriva de “Mbayáguá” ou “Mbayaquá”. O fato respalda a informação de o uso do termo, nos primeiros tempos da conquista, ser atribuído somente à tribo setentrional dos canoeiros, como aparece no relato de Cabeza de Vaca.

A denominação sobrepõe-se aos apelativos singulares de cada tribo² (norte e sul), afirmando-se a partir do estabelecimento dos espanhóis em território Guarani.

Schmidt (1949), em seu trabalho sobre os Payaguá, apresenta informações obtidas junto à índia Payaguá Maria Dominga Miranda, que informa a utilização do vocábulo EvuEvi

² “grupo social, generalmente con una extensión definida, dialecto, homogeneidad cultural y organización social unificada (...)” (Diccionario de Antropología, 1967, p.613).

pelos Payaguá para se auto-indicarem, termo que corresponderia ao que Boggiani (1898) apresenta como “euébe”, com provável significado “los de agua/rio” (Weegh, uee-iác, guê-guae) (Koch apud Susnik, 1971, p.104).

O jesuíta José Sánchez Labrador (1910, T.I, p.312) menciona que os Guaycurú (Mbayá) apontavam os Payaguá como “Cachomododi”.

As dificuldades de compreender as nomenclaturas antigas se deve, segundo Kerstens (1968), a nomes atribuídos aleatoriamente, utilizando muitas vezes os nomes dos caciques para indicar uma nação.

Para a moderna lingüística, os Payaguá inserem-se na família lingüística Gwaikuru (assim como os Toba, Pilagá, Abipon). A área de abrangência do tronco lingüístico estender-se-ia do rio Paraguai ao rio Paraná, espaço de muitos dialetos de tênues diferenças.

Susnik (1978) coloca que o primeiro contato com os espanhóis foi com os Payaguá meridionais, denominados de Agaces, Aigaz e Agas, entre outras variações. Conforme a autora, o apelativo provavelmente foi atribuído devido ao contato com o cacique Agaz/Magach. Para a antropóloga, somente no começo da década de 1540 atribui-se aos Agaces o apelativo de Payaguá.

Quanto aos setentrionais, a pesquisadora informa que foram desde o primeiro contato, indicados como Payaguá, mas se autodenominavam Cadiques (ou Sarigues).

Os registros sobre os séculos XVI e XVII não proporcionam informações consistentes, que possibilitem elaborar uma trajetória histórica mais detalhada sobre os Payaguá. Entretanto, permitem caracterizar esse período como sendo de forte oposição ao domínio do conquistador.

No século XVI, o contato com os espanhóis é baseado na rivalidade, principalmente devido à proximidade desses com os Guarani (tradicionais inimigos dos Payaguá).

Esporadicamente o contato tornava-se mais pacífico. Um breve momento de trégua pode ser constatado nos *Comentários de Cabeza de Vaca* (1893, T. LIV, p. 229-230), que estabelece a paz com os Agaces, estipulando as seguintes condições:

“Os xefes dos Agazes (...) e os outros índios d’esta nação, deviam vir todos juntos e não em bandos dispersos, quando decessem o rio Paraguai para entrar nas terras dos guaranis até Assunção (...). Deviam abster-se de assolar o paiz, de continuar a guerra contra os guaranis, e de cauzar-lhes mal ou dano, porque estes eram suditos de Sua Majestade (...) Não deviam inquietar os Espanhóis e Guaranis, que iam pescar neste rio, ou caçar nas matas, nem cauzar-lhes embaraço algum (...)”

O rompimento da trégua geralmente envolvia o descontentamento por parte dos Payaguá com a proximidade entre espanhóis e Guarani (e com a aliança política), a qual revertia em uma série de restrições ao modo de ser Payaguá. Não obstante, a etnia não aceitava nenhuma proximidade ou condescendência com os seus tradicionais inimigos, o que fica nítido no rompimento da paz selado com Domingo Martínez de Irala (1544-1557), sob a alegação de o governador, o qual tinha recebido a filha do cacique Abacoti para desposar, ter mais esposas e todas guaranis.

Não se pode deixar de mencionar que, no decorrer do século XVI, os objetivos de colonização para as terras dominadas pela Coroa espanhola estão sendo colocados em prática, alicerçando o projeto colonizador europeu na América.

Dentro desse contexto, faz-se necessária a incorporação do indígena ao sistema colonial espanhol. No caso das terras paraguaias, a economia baseava-se na agricultura e na criação de gado, frente à inexistência de metais preciosos para exploração. Inseridos neste contexto os Payaguá, índios semi-nômades, não acostumados ao trabalho agrícola e à moradia sedentária, resistiam à incorporação imposta pelas regras metropolitanas. Resistiam também à forma de dominação disseminada através das idéias religiosas, opondo-se aos ensinamentos

dos missionários e à conseqüente redução. O antagonismo entre Payaguá e espanhóis tornou-se mais intenso a partir do estabelecimento das encomiendas (Regimento de 1556), à qual os canoeiros não se sujeitavam.

O confronto entre Payaguá e colonizadores é retratado no poema de Barco Centenera escrito em 1602 (apud Ganson, 1984, p.88):

“Los Agaces estaban bien poblados en tiempo de Don Pedro de Mendoza. Y aún eran muy valientes y esforzados. Los cristianos hicieron tal deztrozo en ellos, que los indios y soldados mataban sin piedad a toda broza. Y así vino la cosa a tal estado que no hay hoy del Agaz pueblo poblado.”

No século XVII, as expedições punitivas a esses indígenas tendem a aumentar, bem como a intenção de subjugar-los totalmente ao domínio dos “criollos” paraguaios. Essa tendência ocorre principalmente devido aos prejuízos ocasionados ao comércio da erva-mate, principal produto da exportação paraguaia. O saque pelos Payaguá às embarcações carregadas do produto, resultando em enormes prejuízos, forçou o desvio da rota fluvial para a terrestre. Tal opção por parte dos comerciantes “criollos” não acarretou grandes vantagens, já que enfrentavam por terra os Mbayá, coligados muitas vezes com os Payaguá. A aliança entre as etnias tornou-se um obstáculo ao comércio entre Assunção e Vila Rica del Espíritu Santo, prejudicando o escoamento da erva-mate.

“El valle de Tápua siempre atraía a los Payaguáes cada entrada de ellos significaba un botín adecuado para el posterior rescate. Las invasiones en este valle fueron aún en el año de 1669 frecuentemente combinadas con los Taquiyiqui-Mbayá” (Susnik, 1981, p.108).

Já nos primeiros anos do século XVII (1613), o Cabildo de Assunção solicitava permissão à Coroa para “una guerra sangrienta y de fuego” (Gondra apud Ganson, 1989, p.97) contra os Mbayá e os Payaguá. A solicitação aprovada pelo Cabildo Eclesiástico de Assunção

atestava que, conforme o parecer dos missionários, a tranqüilidade dos colonos e das reduções Guaraní era impossível com a constante ameaça dos Payaguá, coligados com os Mbayá. Para os missionários, tornava-se impossível a redução de tais indígenas.

“Los jesuítas demandaron, muy especialmente, el inicio de una guerra contra los Mbayás e Payaguáes, porque estas tribos habían atacado una misión jesuítica asesinando a todos los cristianos Guaraníes e incendiando la misión. Ellos también sostuvieron que, además de despoblar las granjas y ranchos de los colonizadores, los Mabayá e Payaguáes amenazaban con atacar Asunción y Concepción, incendiar sus iglesias, saquear sus vivandas y sacramentos y apoderarse de cualquier objeto que ellos pudieran encontrar” (Ganson, 1989, p.98).

No ano de 1618, a Coroa ordenou a guerra contra os Payaguá e Mbayá, autorizando a milícia colonial a “enfrentar a las dos naciones indígenas, asesinar a tantos indios como pudieren y someter al régimen de la esclavitud a todos aquellos que fueran capturados” (Gondra apud Ganson, 1989, p.99).

Para Bárbara Ganson (1989), o estabelecimento de presídios (em Guiray, Ypay, Tobatí y Tapuá), ao longo da costa ocidental do rio Paraguai, durante o século XVII, insere-se nas estratégias de combate aos ataques dos índios chaquenhos.

“ En los años 1697-1698, los Payaguáes volvieron por los valles cercanos de Tapúa, matando, robando, cautivando, amenazando luego el valle de Lambaré; las pequeñas cuadrillas asaltantes no encontraban resistencia eficaz alguna; su hostigamiento guerrillero seguía impune; los milicianos de los presidios hallábanse esparcidos por las chacras, buscando su mantimiento diario. Los bandos del gobernador Rodríguez de Cota, obligando a los encomenderos a responsabilizarse por las guardias de los presidios contra “el preligro guaycurú” y el “peligro payaguá” quedaban sin efecto (...)” (Susnik, 1981, p.109).

A situação de constante confronto entre os Payaguá e os colonizadores pode ser entendida de acordo com as seguintes variantes: os ataques proporcionavam a prática do ethos guerreiro na defesa do seu espaço territorial e cultural; resultavam na obtenção de alimentos e

de objetos que posteriormente serviam para intercâmbio comercial com outras tribos, (mantendo as relações interétnicas) e possibilitavam a aquisição do ferro (importante para o aprimoramento de suas armas) e de metais como ouro e prata, que também serviam de produto de barganha junto a outras tribos. Inseridos em um sistema de dominação, os Payaguá, coligados ou não com os Mbayá, buscavam desde o primeiro contato (século XVI) até meados do século XVIII manter uma postura de não resignação frente ao crescente domínio colonizador, conservando de todas as formas possíveis a autonomia cultural.

O alcaide Diego de los Réyes Balmaseda que assumiu o governo em 1717, tinha incluído em seus projetos políticos o combate a Tacambú³, área dos Payaguá, com a intenção de mandá-los às missões uruguaias. A atitude provoca o enfrentamento com os canoieiros, que resistiram aos ataques, abandonando a localidade e adentrando-se nos bosques.

“... cautelandoles el motivo solo lo declaró una hora antes de acometer, y hallandose los dichos Payaguas con sus mugeres, y chusma de cuidados y debaxo del seguro y palabra, que les habian dado en nombre del Rey al tiempo de situarse en aquel parage, se vieron de improviso al amanecer acometidos por tierra y agua de numerosa fusileria, y saliendo de sus tolderias asustados de los tiros, y de la mortandad que executaban en ellos, tiraron á gañar el agua y las Montañas, porque los que se quisieron defender, perecieron en la muchedumbra de soldados. Las Indias Payaguas sobre saltadas de mortal terror cargaron con sus tiernos hijos y criaturas inocentes, y se arrojaban con precipitación al rio, (que es profundisimo) y alli perecieron muchas con la congoxa de nadar por preservar la vida de sus hijos; y el último extremo de rigor y crueldad fue, que estando las miserables mugeres, y afligidisimas madres en tanta zozobra, las tiraban los soldados desde de tierra repetidissimos balazos; y al mismo tiempo los que estaban en los Botes prevenidos á este efecto, les daban caza remando, y matando á quantas infelices alcanzaban. Y aunque en este inhumano suceso perecieron bastantes Indios guerreros Payaguas, fue mucho mayor el número de las mugeres, y criaturas inocentes, que se ahogaron, y murieron al rigor de las balas, y de las lanzas (...)” (Gortari, 1896, p.62-63).

³Denominação dada a uma localidade próxima de Assunção, na qual estariam assentados os Payaguá e que também serviu como termo indicador para a tribo sul.

O ataque instiga a aliança com os Mbayá para combater as milícias oficiais, e um antagonismo exarcebado aos colonizadores e aos missionários (Graty, 1868, p.29).

A partir dos anos vinte do século XVIII ocorrem mudanças comportamentais por parte dos Payaguá em relação aos colonizadores espanhóis. Este fato pode ser visto como uma reelaboração das estratégias da etnia para manutenção da sua independência enquanto grupo. Essa alteração vem aliada a fatores externos e internos, os quais interferem na forma de agir desses indígenas, a partir do período mencionado. Dentre esses fatores podemos citar as disputas territoriais entre as coroas ibéricas, que marcam o século XVIII, além de o processo de colonização estar bem avançado nesse século.

A manutenção do ethos belicoso e da liberdade de trânsito pelas águas fluviais do rio Paraguai e suas adjacências, levou-os a uma relação mais amistosa com os colonizadores espanhóis, dos quais procuraram tirar vantagens comerciais, quando, a partir de 1725 (ano do primeiro contato com os portugueses), o antagonismo aos portugueses, que expandiam os seus domínios para o oeste (entrando em território então paraguaio) é declarado.

A região de Cuiabá tornava-se um forte atrativo para os canoieiros, que, a partir de então, direcionavam seus ataques à região das minas obtendo, como produto de seus saques, artigos importantes para comerciar junto aos assucenos, como ouro, tecidos, escravos negros, entre outros.

Em 1730, o governador Martín de Barúa implantou uma política de pacificação dos Payaguá, não mais pela força militar (estratégia ineficaz até então), mas através de uma política de liberdade de trânsito desses indígenas nos arredores de Assunção e do incentivo do seu comércio junto à população da cidade. Nesse mesmo ano, os Payaguá atacam a expedição portuguesa comandada por Pinto Monteiro. O ato, considerado uma afronta, acarretou

grandes perdas para os portugueses, que transportavam para São Paulo 60 arrobas de ouro (Susnik,1981, p.117).

O novo interesse dos Payaguá, assaltando embarcações portuguesas, está inserido em um momento histórico de expansão territorial, alargando seus domínios mais ao norte, adentrando no Pantanal e conseguindo livre acesso ao rio Taquari (via fluvial obrigatória que unia Cuiabá a São Paulo). Esse período confirma uma aliança com os Guaikurú, impondo o domínio das etnias tanto sobre o caminho fluvial quanto sobre o terrestre.

Raul Silveira de Mello (1958, V.I, p.232) em seu trabalho *História do Forte Coimbra*, apresenta uma mostra dos prejuízos portugueses com os ataques dos Payaguá:

“Em 1725, a grande monção em que vinha Diogo de Souza, com grandes provisões, foi assaltada e destruída totalmente por um frota de paiaguás na barra do Xanés. Pereceram aí, seiscentas pessoas, salvando-se apenas um branco e um prêto, que foram recolhidos por canoa vinda atrás. Os índios capturaram vinte canoas do camboio”.

O autor prossegue:

“Causou estupefação e surprêsa essa tragédia. Ignoravam de que gentio se tratava, onde habitava e que nome tinha. Indagando-se de índios domésticos, conhecedores das tribos da baixada paraguaia, êstes explicaram que os agressores “eram paiaguás, gentio de curso, que não tinham morada certa, viviam sôbre as águas (...)”

Segundo Mello, os ataques dos Payaguá contra as embarcações portuguesas prosseguem, no ano de 1726, no rio Paraguai; em 1728 no Paraguai-superior; em 1729 uma expedição preparada para fundar uma povoação em Coxim, é atacada no rio Cuiabá antes de chegar ao seu destino. Em 1730, uma frota responsável por levar setenta arrobas de ouro para São Paulo, foi atacada por oitenta e três canoas Paiaguá no rio Paraguai.

A expansão mais ao norte e o ataque aos portugueses, parece ser de responsabilidade dos Sarigués (Vangelista, 1991, p.159), que continuam mantendo seus laços de grupo com os Agaces assentados a partir de 1740, nas proximidades de Assunção. Esse assentamento não implica no rompimento tribal, ao contrário, a estratégia possibilita a reformulação da etnia, tanto nos aspectos econômicos quanto nos territoriais.

Nesse sentido os Payaguá prosseguiam em meados do século XVIII usufruindo dos seus antigos espaços, ou seja, nas proximidades de Assunção com o núcleo meridional, e no Alto Paraguai, com o setentrional onde, ao mesmo tempo alastravam o raio de ação por conta da ampliação territorial envolvendo os saques aos portugueses (ver Figura 3).

A distância entre os núcleos não impedia a manutenção das visitas constantes, o uso da mesma língua, a troca de produtos e artigos e a comemoração de festividades conjuntas⁴.

Podemos inferir que a localização de um núcleo próximo a Assunção, em relativa paz com a população da cidade, se fazia importante para a comercialização dos produtos saqueados no extremo norte do rio Paraguai.

“Llegaron pues, á la Asuncion el dia 15 de setiembre del mismo año, 60 canoas de payaguas, trayendo á la señora y dos jóvenes portugueses, con doce negros y mulatos, muchas preciosas alhajas de oro, ricos vestidos y cien arrobas de oro en polvo, que todo lo vendieron por alhajas de plata, ofreciendo traer el resto de lo esclavos y mucha mayor cantidad de oro que habian dejado en sus tolderías.” (Lozano, 1873, Tomo I, p.99-100).

Quanto à reformulação étnica, Chiara Vangelista diz o seguinte:

⁴“Los Sarigués y los Sicacuás, antiguos Agaces -Payaguáes, eran concientes de su “nosotros”unitario tribal; las alianzas de las flotillas guerreras eran periódicas, si bien los Sarigué reservábanse el derecho del liderazgo, pues ellos siempre disponían de suficientes canoas y suficientes bosques de “timbó” en la zona altoparaguayense. No obstante, las visitas interparciales se caracterizaban por la fiesta socioritual de “puños”entre los hombres de las dos parcialidades, quedando los vencedores con el “botín” de “canoas-remos-mercancancías”; era el ethos competitivo y la misma “fiesta de puños” podía resolver las posibles desavenencias interparciales (...)” (Susnik, 1981, p.118-119).

“De tal manera, en la mitad del siglo, los dos grupos tribales no habían renunciado a mantener y a expresar los rasgos sobresalientes de la etnia, que se condensaban en la acción guerrera. Tacambú y Cadigué, persiguiendo este objetivo común, habían adoptado dos estrategias distintas: los primeros, conteniendo la alianza con los españoles en los límites de las actividades económicas, y garantizándose el gobierno de la aldea y la gestión de una parte de las relaciones interétnicas; los segundos manteniendo un conflicto abierto con los portugueses y la tradicional movilidad territorial, y excluyendo una alianza formal con los españoles, con los cuales, sin embargo, mantenían relaciones comerciales” (Vangelista, 1991, p.160).

No final do século XVIII, os sucessos dos Payaguá no norte do rio Paraguai e o conseqüente comércio com a população de Assunção começam a dar mostras de esgotamento.

Aos poucos a etnia vê suas estratégias de combate fracassadas, principalmente, devido à política de estabelecimento de fortificações militares em pontos estratégicos (os presídios) ao longo do rio Paraguai pelos portugueses, como forma de defesa. Podemos destacar a fundação do Presídio de Nova Coimbra, em 1775, na latitude de 19°55' (Prado, 1856, p.45), o Presídio de Albuquerque (hoje Corumbá) e o de Mondego (atual Vila Miranda), todos em 1778.

Cabe destacar que o rompimento da aliança com os Guaikurú foi uma variável muito importante no declínio da ação belicosa dos Payaguá que já não mais contavam com o apoio por terra dos aliados. A adoção da canoa por parte dos cavaleiros, a partir de 1768, fragilizou ainda mais a aliança.

Para Kersten (1968, p.69), a dissolução da aliança Mbayá-Guaikurú com os Payaguá favoreceu o domínio português sobre as terras do Alto-Paraguai.

A partir do início da década de setenta, os Payaguá têm que enfrentar não só os portugueses, mas também seus antigos aliados (os Guaikurú), coligados a estes.

No ano de 1766, um grupo de Sarigués, liderado pelo cacique Ecoqueda⁵ solicitou permissão ao jesuíta José Sánchez Labrador, para se instalar nas proximidades da redução de Belém, fundada em 1760, pelo religioso (Ganson, 1989, p.107). É provável que as alterações ocorridas principalmente ao longo do século XVIII e o novo contexto histórico enfrentado pelo grupo respaldasse a solitação por parte dos indígenas. Talvez, a proximidade com a redução significasse maior proteção e segurança, além de oportunizar trocas comerciais e obtenção de alimentos⁶.

Para concordar com a instalação desses indígenas, nas proximidades de Belém, Labrador impôs algumas condições, dentre as quais: os canoeiros não poderiam vagar pelo rio provocando prejuízos; deveriam trabalhar cultivando milho, tabaco, algodão, entre outros; deveriam restringir a produção de canoas e necessariamente deveriam receber os ensinamentos religiosos (Labrador, 1910, T.II, p.152-153). As exigências citadas resultaram no afastamento dos indígenas, permanecendo no local somente um pequeno grupo, composto em maioria por mulheres e crianças; grande parte dos homens retiraram-se do local.

Os Payaguá continuavam realizando excursões belicosas no norte do rio Paraguai, atingindo as proximidades de Cuiabá, atacando as povoações portuguesas. Os ataques exigiam por parte dos portugueses uma vigilância constante nas principais rotas fluviais; para a desembocadura do rio Taquari havia canoas de guerra sempre atentas à ameaça:

“para defenderlos de los Payaguás porque las canoas que lleban a San Pablo no bastan para su defensa, pues en cada una vá solo un portuges blanco, ó á lo más dos, y los negros remeros; pero estos no llevan armas. Los Payaguás los suelen esperar con multitud de canoas muy ligeras, en cada una de las cuales van seis ó siete hombres, y para no ser descubiertos, se meten tocayar en el agua; y quando van pasando los portugeses, los asaltan de improviso, y les dan una descarga de flechazos, tirando siempre el

⁵O cacique conhecido como Ecoguede pelos Caduveu-Mbayá era o cacique Cuatí (Susnik, 1971, p.130).

⁶Em 1767 os jesuítas foram expulsos da América. No ano de 1768 os missionários que trabalhavam com as tribos do Chaco foram mandados embora. Labrador escreve que quando foi expulso os Payaguá se encontravam nos limites da missão de Belém (Ganson 1989, p.109).

portuguez blanco y se echan sobre las canoas que pueden tomar; y recogiendo los géneros, y los negros, se bajan á la Asumpcion, donde los españoles por compasion rescatan á los cautivos(...)" (Quiroga apud De Angelis, 1970, Tomo VI, p.14-15).

Em 1790, os Sarigués unem-se aos Agaces, na localidade de Tacambú (proximidades de Assunção), abandonando a região norte do rio Paraguai, enquanto área de assentamentos e de local para investidas belicosas.

No ano de 1792, ocorre a tentativa de organizar missões para os Payaguá assentados em Assunção, por parte do sacerdote Inocencio Cañete, da ordem dos mercedários. O religioso persuadindo os indígenas com presentes conseguiu batizar 153 crianças menores de sete anos (Ganson, 1989, p.111). O projeto de Cañete de agrupar os Payaguá em duas missões e convertê-los ao cristianismo fracassou, devido à falta de recursos financeiros e humanos necessários para a realização do trabalho missionário. Em 1799 Félix Azara escreve à Coroa espanhola:

“Que han hecho nuestros gobernadores y eclesiásticos, aquellos que se propusieron la construcción de nuevas reducciones y nuevos gastos y están en contacto diario con los Payaguáes? Nada. Los Payaguáes siendo ateos y siguen las costumbres y se visten con vestimentas de sus antepassados. La verdad es que, hace poco tiempo, inducidos por temores y promesas, los Payaguáes - como usted ha sido informado- accedieron a que sus niños fueran bautizados y adoctrinados. Pero cuáles fueron los resultados de tal imprudente prostitución del batismo? lo que yo predije al principio: ellos son los que fueron y aun aquellos que fueron bautizados no son diferentes del resto” (De Angelis apud Ganson, 1989, p.113).

Na última década do século XVIII, com as fronteiras entre os estados ibéricos mais fortalecidas e com a consolidação do processo colonizador, o espaço de circulação dos Payaguá está confinado a uma área delimitada pelo governo espanhol.

Após um longo período histórico (desde o século XVI) os Payaguá não mais possuíam núcleos habitacionais em diferentes pontos geográficos (norte e sul); estavam ambos

aglutinados nas cercanias de Assunção formando um único assentamento, inserido em um cenário urbano.

O capitão Francisco Aguirre (apud Ganson, 1989, p.109) registra que, em 1790, havia somente 1200 Payaguá vivendo próximos a Assunção. Azara menciona que na última década do século XVIII os Tacambus e Sarigues perfaziam cerca de 1000 almas. Labrador estimava para o ano de 1766 a existência de aproximadamente quatrocentos Sarigues (1910, T.II, p.151-152). Podemos acreditar que o confronto desde os primeiros contatos com o colonizador provocou o decréscimo populacional da etnia, acentuando-se a partir do século XVIII. O decrescente número desses indígenas, não diferente de outras etnias, se deve ao longo processo de extermínio ocasionado pela instalação da colonização nas terras americanas, ao qual se acrescentam as doenças e as epidemias que atingiram as populações indígenas de forma devastadora desde o primeiro contato com o conquistador. Além disso, no caso dos Payaguá o elevado consumo da aguardente, “beben con exceso y los mantiene enfermos y en embriaguez perpetuada” (Bermejo apud Schmidt, 1945, p.211), auxiliou para que ocorresse o declínio populacional dessa etnia.

Segundo dados de Rangger e Demersay na primeira metade do século XIX os Payaguá estavam reduzidos a duzentas almas (apud Schmidt, 1949, p.195). O viajante Mansfield estimou que entre 1852 e 1863 haveria somente cem Payaguá (apud Ganson, 1989, p.119).

Ao que tudo indica, o século XIX aponta uma maior incorporação dos Payaguá à vida econômica e social do Paraguai.

Os homens mantinham a atividade de vigias, paralelamente à responsabilidade de manutenção da subsistência familiar com a caça e pesca, além de continuar exercendo a função de comerciantes junto à população de Assunção ou com outros grupos. As mulheres

envolveram-se na produção artesanal e na venda dos produtos. Ocasionalmente, os Payaguá serviam de guia para os poucos estrangeiros que visitavam o país.

O cabildo de Assunção organizou no ano de 1803, uma expedição punitiva aos Payaguás que coligados a indígenas chaquenhos realizavam roubos nas proximidades de Assunção (Susnik, 1971, p.138). A associação a grupos chaquenhos no século XIX, parece ter perdurado até o governo de Carlos Antonio Lopez. Em documento governamental de 1854, consta:

"La antigua tribu Payaguá fué sorprendida en sus desleales correspondencias con los selvajes del Chaco y no siendo dable ocuparse las tropas, ni los pobladores de las costas en observar también a los Payaguáes, se han tomado la providencia de confinarlos en las márgenes del Río Cañabe en número total de más de 300 individuos de todos los sexos y edades proporcionándoles por cuenta del Estado mantenimiento y todo auxilio para sus ocupaciones agrícolas con las convenientes medidas de policía para que se dediquen únicamente al trabajo y no puedan volver a las márgenes del rio Paraguay" (Domingues apud Susnik, 1971, p.138)⁷.

Em 1805, começam a trabalhar para o Estado como vigias fluviais. Essa atividade foi regulamentada após a independência do Paraguai (1811). No governo de Francia (1811-1840), esses indígenas foram utilizados para fiscalizar as fronteiras do país, ocorrendo o mesmo durante o governo de Carlos António López (1840-1862) e de Francisco Solano López (1862-1870).

Em 1843, Augusto Leverger, escreve sobre os Payaguá:

"(...) Suprem os habitantes de peixe, lenha, capim, taquaras, remos de canoas, esteiras e outras obrinhas de junco e caniço; gastam quase exclusivamente em embriagarem-se o produto do seu trabalho. É tudo o que resta dessa valente nação e poderosa, de quem o rio Paraguai tirou o seu nome e que tão célebre ficou nos anais desta Província, pelos renhidos combates e porfiada luta, que travou com os seus descobridores e primeiros povoadores" (Leverger, T. XXV, 1862, p.241-242).

⁷Segundo Susnik (1971, p.138) o castigo era direcionado aos Payaguá da localidade de Remanso Castillo, os quais seriam Sarigues. A ação condenada pelo governo foi praticada pelos Payaguá associados aos Toba.

No ano de 1846 é registrado, por Beaurepaire Rohan:

“À nossa chegada, e ao som das recíprocas salvas de artilharia, concorreu ao desembarque imenso povo. Ali se viam igualmente os célebres Payaguás, outrora tão audazes na guerra que, desde 1528, sustentaram, já contra os espanhóis que descobriram o Paraguai, já contra os portugueses que por ele navegaram posteriormente, hoje pacíficos habitantes das praias de Assunção, conservando ainda alguns de seus antigos costumes, quais o de terem idioma próprio, andarem quasi nus, não se sujeitarem ao cristianismo, e amarrarem seus longos cabelos como os Guató de Cuyabá” (Rohan, T. IX, 1847, p.386-387) (ver Figura 4).

A guerra travada entre os anos de 1864 e 1870, envolvendo o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), contou com a participação dos Payaguá⁸, que aproximadamente somavam um total de quinhentos indivíduos, no ano de 1865 (Susnik, 1971, p.139) e proclamavam-se “índios Payaguás”. Após, os Payaguá não somavam mais que dezessete indivíduos, os quais foram dispersos por localidades como Limpio, Emboscada e Vila Hayes, mantendo-se principalmente da venda de produtos artesanais.

Fontana (1977, p.129) faz alusão à existência de somente dezessete índios Payaguá, no ano de 1875 (Figura 5). Reclus (apud Schmidt, 1949, p.195) escreve que em 1878 os Payaguá não passavam de um total de dezessete. Guido Boggiani, em 1900, observou que havia entre 40 e 50 Payaguá. É provável que a partir do momento que os Payaguá se assentaram nas proximidades de Assunção (meados do século XVIII) a mestiçagem em maior grau ocorria, devido ao convívio com a população da cidade e principalmente devido à desorganização social do grupo, a qual envolvia todo um conjunto de aspectos culturais. Tal tendência certamente acentuou-se no decorrer do século XIX.

⁸Fontana (1977, p.132) menciona que os Payaguá foram os únicos indígenas a servirem a Lopez durante a guerra do Paraguai.

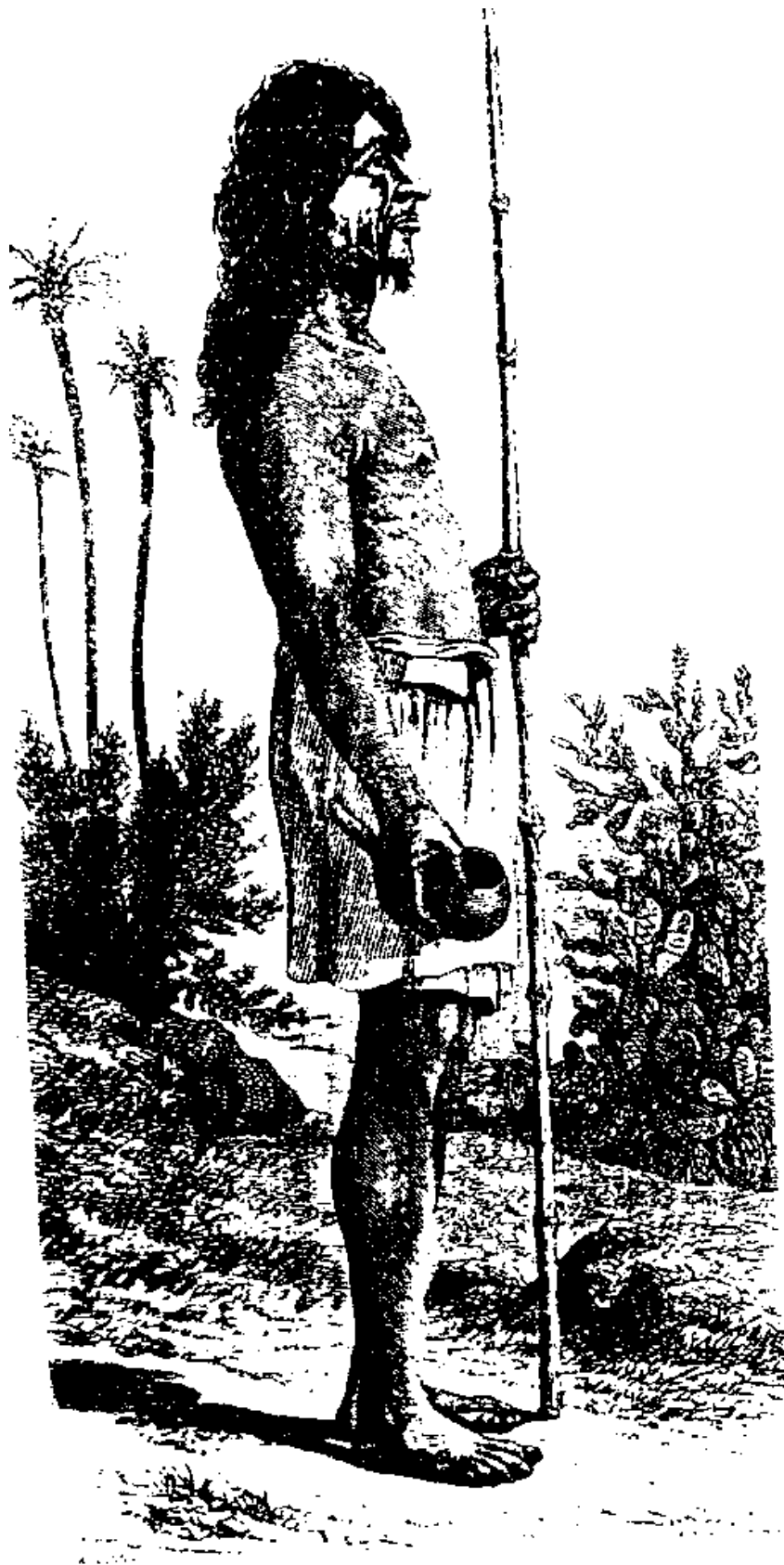


Figura 4. Índio Payaguá (Fonte: Moura, 1984)



Figura 5. Índios Payaguá (Fonte: Moura, 1984).

Max Schmidt (1949) esteve por várias ocasiões, entre os anos de 1940 e 1941, com uma índia Payaguá chamada María Dominga Miranda. Segundo a informante além dela existiam mais três índias Payaguá, duas habitavam no bairro paraguaio La Chacarita, na capital e outra vivia em Remanso Castillo. Em 1943 faleceu Maria Dominga Miranda, reconhecida como a última índia Payaguá.

Este capítulo apresentou um esboço geral da história dos Payaguá, a partir do século XVI até o XIX. Buscou-se elaborar, de forma concisa, uma trajetória da etnia, salientando os aspectos que mais marcam a história de não resignação desses indígenas à incorporação de um modelo colonizador de sociedade, o qual impunha uma disciplina socializante respaldada em uma visão unilateral de valores culturais.

No próximo capítulo, procuramos estabelecer os pontos geográficos utilizados pela etnia como delimitadores do seu território, procurando, a partir de tais limites, inferir sobre o raio de ação atingido pelo grupo. Após, tentamos fornecer uma visão do rico e diversificado ambiente habitado pelos Payaguá.